

**A IDENTIDADE COM O LUGAR: algumas reflexões sobre o
assentamento Cuyabá – Canindé do São Francisco/SE¹**

*THE IDENTITY WITH THE PLACE: some reflections about Cuyabá
settlement – Canindé do São Francisco/SE*

*LA IDENTIDAD CON EL LUGAR: algunas reflexiones en el asentamiento
Cuyabá - Canindé de San Francisco/SE*

Júnia Marise Matos de Sousa

Doutoranda em Geografia – Universidade Federal de Sergipe/UFS
Núcleo de Pós-Graduação em Geografia.
Campus São Cristovão, Rosa Elze, CEP 49000-000 - São Cristovão, SE
E-mail: Junia@redeambiente.org.br

Celso Donizete Locatel

Professor Adjunto – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Geografia.
Campus Universitário, Lagoa Nova, CEP 59072-970 - Natal, RN.
E-mail: celso.locatel@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a identidade das famílias com o lugar assentamento Cuyabá. Para tanto, buscou-se identificar alguns elementos relevantes como a existência de laços de parentesco no assentamento, a percepção sobre a presença de familiares e o interesse em permanecer no assentamento, bem como os motivos que contribuem para esta identidade com o lugar e que possam explicar o desejo de permanecerem no mesmo. Para atingir tais objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo no período de agosto a novembro de 2007, com aplicação de questionários a 48 famílias que vivem no assentamento Cuyabá, buscando-se contemplar, dentre outras questões de pesquisa, aquelas referentes à discussão deste artigo. Os resultados analisados revelam que as famílias assentadas no Cuyabá, em sua maioria, possuem laços de parentesco entre si e desejam permanecer no assentamento, lugar com o qual

¹ Este artigo é parte dos resultados da pesquisa “Do acampamento ao assentamento: Um estudo da reforma agrária e qualidade de vida em Sergipe”, desenvolvida junto ao Núcleo de Pós-Graduação em Geografia – NPGeo, da Universidade Federal de Sergipe – UFS.



construíram a sua identidade. Apesar da existência de parentes no assentamento e da importância destes na percepção das famílias, a identidade maior com o PA se afirma pela conquista da terra e da possibilidade de produzir no que é “seu”, que se materializa no gostar de morar e no desejo de continuar morando no PA.

Palavras-Chave: Assentamentos, laços de parentesco, identidade, lugar.

Abstract

This article has the purpose of reflecting about the identification of the families with the Cuyaba settlement. For so we had to identify some very important elements such as the existence of family ties on the assessment. The perception about the presence of families and their desire to remain in the settlement as well the reasons that contribute with the identification with the place and that makes possible to explain the wishes for this families to remain there. To get an explanation about this ,it has been make a field research in the period from August to November 2007 by application of questionnaires in 48 families who lives at Cuyaba settlement, in order to contemplate, among other questions of the research ,those who refers to the discussion of this article, The results of the analysis reveals that the most of family who lives at Cuyaba has some family ties among then and wishes to remain there ,in the place where they have constructed their identification. In the spite of existence of some parents in the settlement and the importance of then in the perceptions of the families, a major identification with the PA can be affirmed by the conqueror of the land and the possibilities of producing in their own land can be seeing by the pleasure of living and the desire of continuing living at the PA.

Key-Words: Settlement, family ties, identity, locality.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la identidad de las familias con el lugar de asentamiento Cuyabá. Se trata de identificar algunos elementos relevantes como la existencia de lazos de parentesco en el asentamiento, la percepción de la presencia de familiares y el interés de permanecer en el asentamiento, como los motivos que contribuyen en la identificación con el lugar que puedan explicar el deseo de permanencia en el mismo. Para alcanzar tales objetivos, fue realizada una investigación de campo en el periodo de agosto a noviembre del 2007, con la aplicación de cuestionario a 48 familias que viven en el asentamiento Cuyabá, buscando contemplar, entre otras cuestiones de investigación, aquellas referentes a la discusión de este artículo. Los resultados analizados revelan que las familias asentadas en Cuyabá, en su mayoría, poseen lazos de parentesco entre sí y desean permanecer en el asentamiento, lugar con el que construyeron su identidad. A pesar de la existencia de parientes en el asentamiento y de la importancia de estos en la percepción de las familias, la identidad mayor con el PA se afirma por la conquista de la tierra y por la posibilidad de producir en lo “propio” lo cual se materializa en el gusto de vivir y en el deseo de seguir viviendo en el PA.

Palabras-Clave: Asentamientos, lazos de parentesco, identidad, lugar.



A discussão sobre a construção do lugar a partir das relações sociais é bastante vasta, sendo ancorada em diversos autores como Santos (1997); Bauman (2002); Agier (1998). Para estes, o lugar é construído a partir das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e das experiências cotidianas e espaços vividos, sendo repletos de sentimentos e de representações, tensões e conflitos. E esta é a leitura que se propõe para o estudo dos assentamentos rurais de reforma agrária, especificamente, do Projeto de Assentamento (PA) Cuyabá, localizado no município Canindé do São Francisco, em Sergipe.

As relações de parentesco são de suma importância para os camponeses e seu modo de vida. Segundo Radomsky (2006), entre os camponeses, as relações de proximidade se constituem como as mais importantes para a sociabilidade, sendo elas tanto de parentesco como de amizade, porque muitos dos grupos de aliança são construídos localmente, contribuindo para o estabelecimento de redes locais. Leite *et al.* (2004), comentam que as famílias e as redes de vizinhança são as bases sobre as quais se constroem as relações de sociabilidade nos assentamentos. Desta forma, pressupõe-se que os laços de parentesco existentes entre as famílias assentadas, podem ser importantes para a construção da identidade com o lugar e conseqüentemente, podem contribuir para a permanência das famílias no mesmo.

Assim, este artigo tem por objetivo refletir sobre a identidade com o lugar assentamento, buscando-se analisar a existência de laços de parentesco no PA Cuyabá e a percepção das famílias sobre esta questão, bem como os motivos que levam as famílias a gostar (ou não) de morar e desejarem permanecer (ou não) no assentamento. Especificamente, pretende-se:

- Caracterizar o PA Cuyabá sócio-economicamente no contexto da reforma agrária em Sergipe;
- Verificar a existência de laços de parentesco entre as famílias assentadas e qual a percepção das mesmas sobre o fato de ter parentes no assentamento;
- Analisar a percepção das famílias assentadas sobre o “morar” e o desejo de “permanecer morando” no assentamento, buscando-se identificar os elementos que contribuem para a construção da identidade com o lugar e o desejo de permanecer no assentamento;



Para atingir tais objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo, no período de agosto a novembro de 2007, com aplicação de questionários a 48 famílias que vivem no PA Cuyabá, buscando-se contemplar, dentre outras questões de pesquisa, aquelas referentes à discussão deste artigo. De forma complementar, foi realizada uma pesquisa documental nos órgãos oficiais (INCRA e IBGE) e entidades que atuam na região, para caracterização do assentamento, bem como de referenciais teóricos e conceituais para embasar a discussão dos dados e informações levantados na pesquisa de campo.

Inicialmente, é apresentado um breve perfil do PA Cuyabá, buscando-se contextualizá-lo no processo de reforma agrária em Sergipe. Em seguida, discute-se a percepção das famílias sobre os laços de parentesco existentes no PA e sobre a identidade dos mesmos com o lugar, buscando-se identificar os elementos que contribuem para a identidade das famílias com o lugar.

O Projeto de Assentamento (PA) Cuyabá no contexto da reforma agrária em Sergipe

Localizado no município de Canindé do São Francisco, Estado de Sergipe, o assentamento Cuiabá possui uma área de 2.000 hectares, onde vivem aproximadamente 300 famílias. A fazenda foi ocupada em 1996, havendo imissão de posse em 1997. O processo foi negociado pacificamente entre o INCRA, o MST e o proprietário, pois havia interesse deste em se livrar da fazenda para pagamento de dívidas. Também houve o interesse do Estado em atenuar as tensões na região, causadas pelos conflitos de terra.

Por estar localizado na região do semi-árido sergipano, os assentados encontram dificuldades para produzir, pois, as condições geo-ambientais não favorecem a agricultura. São solos rasos, pobres, com baixa fertilidade que precisam de correção. A irregularidade das chuvas e a escassez da água se constituem numa dos principais limitações enfrentadas pelos assentados, por isso estes acreditam que só com projeto de irrigação o assentamento poderá se desenvolver economicamente.

Além dos problemas relacionados ao quadro natural, o assentamento enfrenta várias outras dificuldades. Durante o processo de ocupação havia aproximadamente 1000 famílias oriundas da ocupação dos alojamentos da CHESF. Desde o início, sabia-se que apenas 200 famílias permaneceriam no local. Após a desapropriação, este fato

criou um clima de rivalidade entre os assentados dificultando as relações sócio-organizativas na comunidade, necessárias para pressionar o poder público na conquista dos bens coletivos e melhores condições de vida.

Enquanto estavam no processo de luta pela terra o interesse era comum a todos, após essa conquista prevaleceram os interesses individuais. A questão coletiva não foi suficientemente discutida e incentivada pelo MST, nem pelas instituições representantes do Estado. No PA Cuyabá, como em outros assentamentos da região, predomina o trabalho individualizado. Conforme salienta Filho citado por Locatel *et al.* (2007):

“[...] O princípio da coletividade submete o grupo a um planejamento coletivo e a especialização de cada grupo ou mão-de-obra se faz por setores, dividindo as tarefas de acordo com as afinidades de cada grupo de indivíduos. Esse princípio não foi colocado em prática no assentamento.” (FILHO, 2000: 47).

Essa individualidade favorece a posição do estado que não desenvolve políticas agrícolas no sentido de melhorar as condições de vida dos agricultores e põe a culpa nos próprios assentados pelos seus fracassos, por não conseguirem se reproduzir socialmente e promover a auto-sustentabilidade do assentamento. Na perspectiva de Silva & Lopes (1996):

“[...] O individualismo reinante nos assentamentos da reforma agrária em Sergipe está intimamente ligado ao fato de que, em geral, as famílias assentadas não tinham maiores laços societários já que procediam de diferentes municípios e haviam se conhecido durante as ocupações de terra ou após a área ter sido desapropriada.” (SILVA & LOPES, 1996:154).

Atualmente, o assentamento Cuyabá passa por um processo de transição, por conta da “aliança” existente entre as principais lideranças da comunidade, que tem facilitado a atuação do poder público local, estadual e federal no sentido de promover a prestação de serviços básicos à população.

Segundo relato dos moradores, as condições de saúde no assentamento estão melhorando gradativamente. Existe com um Posto Médico e uma equipe composta por médicos, dentistas e enfermeiros que prestam assistência aos assentados diariamente. Também dispõem de uma ambulância para transportar os pacientes, quando estes

precisam de um tratamento mais especializado na sede do município (Canindé do São Francisco) ou na capital (Aracaju).

No tocante a educação, o assentamento possui uma unidade escolar que atende as crianças da 1ª a 6ª séries. A partir das entrevistas realizadas constatou-se que um grande número de estudantes do ensino fundamental e médio precisa se deslocar para a sede do município para continuar estudando e muitos adultos que não tiveram acesso à escola na idade ideal, não tem assegurado o direito de alfabetização, garantido na Constituição e na Lei de diretrizes e Bases da Educação.

Os assentados se mostraram muito esperançosos com a possível implementação do projeto de irrigação, promessa feita desde a fase de criação do assentamento. Diante dessa perspectiva, os agricultores sentem a necessidade da capacitação, para se tornarem aptos a trabalhar com novas técnicas; reconhecem que não tem conhecimento do que vai ser produzido e como será feita a comercialização dos produtos.

Constatou-se que se o projeto de irrigação não vier acompanhado de infraestrutura, de uma conscientização dos agricultores frente à nova realidade que se anuncia, não contribuirá para a melhoria da qualidade de vida dos assentados e a proposta de Reforma Agrária ficará mais uma vez pela metade.

Dessa forma, pode-se concluir que as mudanças que estão ocorrendo no assentamento são superficiais. A infra-estrutura do assentamento ainda é precária. A falta de saneamento básico e instalações sanitárias são algumas dos problemas enfrentados pelos assentados. A produção agrícola que é o fator principal para que os agricultores consigam se reproduzir sócio-economicamente não sofreu grandes alterações desde a criação do assentamento. Existem projetos de produção sendo implementados como a Apicultura que envolve 20 famílias na produção e comercialização do mel de abelha; a produção de hortaliças orgânicas por 14 famílias através do projeto de Produção Agroecológica Integrada Sustentável (PAIS). Esses projetos que contam com o apoio dos governos estadual e federal e são muito importantes para o assentamento. Entretanto, a produção ainda é realizada de forma individual e o número de pessoas atendidas é muito pequeno diante da quantidade de famílias necessitadas.

É importante destacar que as famílias inseridas no projeto de Apicultura são as mesmas que estão trabalhando com Agricultura Orgânica. A partir da observação da

realidade vivenciada por grande parte dos assentados se constatou a necessidade de desenvolver um trabalho de fortalecimento dos laços comunitários, no sentido de construir uma conscientização da importância do trabalho coletivo que favoreça o crescimento da comunidade como um todo e possibilite melhores condições de vida para os mesmos.

Diante do contexto histórico da origem do PA Cuyabá, o mesmo pode ser entendido como o lugar que representa a concretização da luta pela terra desde a fase de acampamento. São inúmeras as suas limitações de infra-estrutura, entretanto, ele significa a materialização das lutas, a conquista da terra e de oportunidades de sobrevivência.

Neste sentido, considera-se importante essa caracterização do PA Cuyabá para a compreensão das percepções posteriores das famílias assentadas, especificamente no que se refere ao desejo de permanecer ou não no mesmo.

Os laços de parentesco e a percepção das famílias assentadas no PA Cuyabá

Vários são os conceitos e definições de família existentes, conforme a ênfase que se deseja dar: na sociologia para interpretá-la enquanto instituição primária e socializadora do indivíduo; na geografia, para caracterização dos domicílios e sua composição; no direito, para definição dos direitos e obrigações, etc. Assim, a família representa um grupo social primário que influencia e é influenciada por outras pessoas e instituições. Para Woortmann (1995), a família é um grupo de pessoas ligadas por descendência a partir de um ancestral comum, matrimônio ou adoção, coexistindo sempre um laço de parentesco. Para a autora, pode-se definir, de modo geral, que laços de parentesco são os membros de uma mesma família que costumam compartilhar do mesmo sobrenome, herdado dos ascendentes diretos.

Segundo Schneider (2003), a família é entendida como um grupo social que compartilha um mesmo espaço (não necessariamente uma habitação comum) e possui em comum a propriedade de um pedaço de terra para cultivo agrícola. Está ligada por laços de parentesco e consangüinidade (filiação), podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consangüíneos (adoção). É no âmbito familiar que se discute e se organiza a inserção produtiva, laboral, social e moral de seus integrantes,

e é em função desse referencial que se estabelecem as estratégias individuais e coletivas que visam a garantir a reprodução do grupo.

Woortmann (1995) também desenvolveu algumas considerações sobre as teorias do parentesco. Não se pretende discutir todas as teorias, nem todos os conteúdos de cada uma delas, mas apenas apresentar alguns pressupostos da “Teoria da Descendência”, de modo a definir qual a idéia de parentes utilizada para a pesquisa em questão.

Segundo a autora, o foco central da Teoria da Descendência é o grupo social, isto é, o grupo de descendência, e os direitos e deveres de uma pessoa enquanto membro de tais grupos. A ênfase é colocada na consangüinidade. Nesta percepção, o parentesco seria então uma relação de filiação socialmente reconhecida. Duas pessoas são parentes quando uma descende da outra, ou quando ambas descendem de um antepassado comum.

Para as famílias rurais, especificamente as assentadas em PAs, as relações sociais constituem elementos importantes no que se refere às estratégias de sobrevivência das mesmas. Segundo Costa (2001), a organização dos assentados em cooperativas é uma forma de viabilizar a produção e comercialização agrícola, promover a organização dos assentados e viabilizar a sustentabilidade do assentamento. Não apenas a organização em cooperativas, mas outras relações sociais podem ser consideradas importantes para a sustentabilidade dos assentamentos, como as relações de vizinhança, compadrio e entre parentes. Apesar de não serem relações formais de cooperação, tal qual uma associação, elas também são importantes enquanto estratégias auxiliares a sua sobrevivência.

Considera-se como exemplos práticos desta questão a troca de dias de serviço entre vizinhos, de alimentos e de favores diversos entre eles, bem como a agricultura familiar que é desenvolvida por eles, com base no trabalho dos membros da família nuclear ou de origem, conforme discutido por Heredia (1979) e Santa’Ana & Costa (2001).

Assim, quando nos referimos à existência de laços de parentesco no PA Cuyabá, estamos nos referindo aos pais, aos irmãos e demais parentes que também residem naquele lugar.

Os dados obtidos na pesquisa de campo revelam que, no PA Cuyabá cerca de 85,00% das famílias trabalham exclusivamente com os seus familiares mais próximos,

ou seja, da família nuclear. Tal fato é corroborado por Leite *et al.* (2004), ao comentarem que nos assentamentos rurais de reforma agrária no Brasil, o trabalho no lote é predominantemente familiar. Além disso, Silvestro *et al.* (2001), ao estudarem a sucessão hereditária, demonstraram que os jovens possuem grande desejo de seguir os passos dos pais, e estes desde cedo estimulam todos os filhos a serem agricultores.

Destaca-se ainda que a importância dos parentes não se restringe as estratégias de sobrevivência, mas representam importante elo entre as famílias, de aporte emocional, tradicionalmente valorizado nas comunidades rurais. Segundo Giuliani & Castro (1996), em estudo de caso em dois assentamentos do estado do Rio de Janeiro, a família permanece o núcleo privilegiado da sociabilidade, sendo o centro das decisões e de grande parte da circulação das informações.

Neste contexto, buscou-se verificar se as famílias assentadas no PA Cuyabá possuíam laços de parentesco com outras famílias residentes no mesmo assentamento. Verificou-se que, das famílias entrevistadas, 75,00% têm parentes que moram em outros lotes no mesmo assentamento.

Heredia (1979), ao estudar as famílias camponesas da comunidade de Riacho Doce, em Pernambuco, concluiu que quase todas as famílias são aparentadas entre si, embora em alguns casos se trate de um parentesco distante. Uma família está sempre ligada à outra, pelo menos através de um parente comum. Estes dados estão de acordo com os dados obtidos no PA Cuyabá, ainda que não tenham sido identificados qual o tipo de parentesco (próximo ou distante), a maioria possui parentes entre si.

Logo, tentou-se identificar a percepção destas famílias sobre o fato de ter parentes morando na mesma comunidade. Das famílias entrevistadas, 87,50% consideram importante ter parentes no PA. Apenas 2,08% disseram que não é importante e 10,42% não responderam a questão. Ao serem indagadas sobre o porquê de considerarem importante a existência de laços de parentesco no assentamento, destaca-se a questão da auto-ajuda, comum entre parentes, sobretudo em comunidades rurais. Os depoimentos confirmam tal afirmação:

“É importante ter parentes aqui, pois quando a dificuldade vem, eles é que chegam junto”. **Entrevistado 01.**

“Os parentes podem dar alguma coisa”. **Entrevistado 05.**



“Quando a gente precisa, se serve é com eles”.
Entrevistado 08.

“Podemos ir à casa um do outro, contar com a ajuda”.
Entrevistado 04.

Estes depoimentos demonstram que ter parentes no assentamento é uma forma de ter sempre alguém que poderá auxiliar nos momentos de dificuldade, alguém com quem se possa contar. De modo específico, uma dificuldade que pode surgir está relacionada à saúde, conforme depoimento a seguir:

“Se adoecer tem parentes por perto”. **Entrevistado 07.**

A preocupação em adoecer e não ter com quem contar é apresentada neste depoimento, mostrando que os parentes podem ser fundamentais nestes momentos específicos de dificuldade. Por outro lado, a família é considerada como um núcleo de extrema importância, independente da auto-ajuda concreta que se pode obter a partir dela, mas de todos os outros elementos subjetivos que a compõem, conforme os depoimentos a seguir:

“Porque família está acima de tudo.” **Entrevistado 15.**

Este depoimento ressalta o papel da família enquanto primeira instituição da vida do indivíduo, que não se limita apenas a família nuclear, mas a toda a sua extensão. Destaca-se ainda que os laços de parentesco representam também laços de afinidade, que podem proporcionar segurança e companhia, uns aos outros, conforme os depoimentos:

“São pessoas que tem afinidade”. **Entrevistado 32.**

“Se sente protegido.” **Entrevistado 48.**

“Faz companhia”. **Entrevistado 10.**



Neste sentido, Schneider (2003) afirma que o elemento central que patrocina a relativa estabilidade e exerce um papel regulador entre os diferentes aspectos sócio-econômicos e ambientais é a própria natureza familiar das unidades agrícolas, que está assentada nas relações de parentesco e de herança existentes entre seus membros. É no interior da família e do grupo doméstico que se localizam as principais razões que explicam, ao mesmo tempo, a persistência e a sobrevivência de certas unidades e a desagregação e o desaparecimento de outras. As decisões tomadas pela família e pelo grupo doméstico ante as condições materiais e o ambiente social e econômico são cruciais e definidoras das trajetórias e estratégias que viabilizam ou não sua sobrevivência social, econômica, cultural e moral.

No grupo familiar partilham o espaço, as atividades, os recursos e carências, mas, sobretudo, adquirem a segurança necessária para enfrentar o anonimato de um meio desconhecido. O núcleo familiar constituído sobre a unidade de produção econômica - o sítio - com sua relativa autonomia, garante aos recém chegados a solução das questões de sobrevivência, além da definição de estratégias e projetos de ascensão social e garantia de certo grau de consumo, tal qual nos fala Costa (1993) em seu trabalho sobre trabalhadores rurais temporários na periferia de Ribeirão Preto.

Os dados analisados confirmam que a existência de parentes entre as famílias do PA Cuyabá é um fato comprovado e que a maior parte delas atribui grande importância aos parentes, seja pela auto-ajuda ou mesmo pelos sentimentos de segurança e afinidade que eles representam.

A construção da identidade com o lugar e o desejo de permanecer no assentamento

De acordo com Bauer (2004), no debate sobre a identidade, há várias concepções conceituais – a identidade como história, narrativa e memória, a identidade como diferença, a identidade como processo de identificação, a identidade como construção social e a identidade como si mesmo.

Aqui nos interessa especialmente a abordagem sobre identidade social, por estar diretamente relacionada ao nosso objeto de investigação. Portanto, analisaremos a identidade no sentido de “pertencimento”, por parte de indivíduos e de grupo a um determinado espaço, região ou lugar. Seguiremos, assim, a idéia de Dubbar (2002)



apud Azevedo (2007), que afirma ser a identidade social “ante todo un sinónimo de categoria de pertenencia”, isto é, pertença, pertencimento.

Reforçando as idéias de Dubbar; Morales citado por Azevedo (2007) defende que a célebre Teoria da Identidade Social tem ganhado proeminência no âmbito das ciências humanas, vinculando à noção de identidade social a idéia de pertencimento de grupo, o qual há de possuir, a seu modo, três características básicas: em primeiro lugar, uma percepção por parte da pessoa, de que ela pertence a um grupo, em segundo lugar, a consciência de que o pertencimento a esse grupo recebe uma avaliação social de certa intensidade, seja ela positiva ou negativa. Por último, existe “un cierto tipo de afecto asociado a la conciencia de la pertenencia grupal”; logo, trata-se de um vínculo que permite a união da pessoa com o grupo.

Na obra *Identidade e diferença*, Kathryn Woodward (2000) defende que a identidade é relacional, marcada por meio de símbolos, pela diferença e, poderíamos acrescentar, por um conjunto de relações simbólicas. Desta forma, aprofunda a noção de identidade proposta por Morales citado por Azevedo (2007), sobretudo quando acrescenta que ela é produto da experiência vivida e vivificada, enfim, das coisas e experiências da vida cotidiana. Assim, percebe-se que a identidade é construída no conjunto das relações simbólicas vivenciadas internamente por cada indivíduo e por isso pode ter conotação positiva ou negativa, a depender da sua percepção.

Azevedo (2007) se refere ao lugar enquanto categoria espacial concebida a partir da noção/idéia de pertencimento a um determinado espaço ou sociedade. Ou seja, a identidade sob essa ótica se forja a partir da interação do indivíduo com a sociedade.

Se para esse mesmo autor, a concepção de lugar está relacionada ao espaço em si, Capel associa este espaço às experiências vividas. Para Capel (1981, p.444), lugar “*el ámbito de la existencia real y de la experiencia vivida*”. Neste sentido, Relph (1979) amplia a discussão ao afirmar que o lugar está intrinsecamente ligado à identidade e pertencimento aos ambientes:

“[...] O lugar não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipo de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e de segurança”. Relph (1979, P. 17)



De acordo com este autor (1979), o *lugar* é principalmente um produto da experiência humana, que representa muito mais do que a localização espacial. De acordo com Mello (1990), trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos. Desta forma, concebe-se o lugar como sendo o espaço geográfico e o conjunto de experiências vividas, que dão sentido e constroem a identidade dos indivíduos com os lugares, bem como o sentimento de pertencimento em questão.

Neste sentido, pensar em assentamentos com o “olhar geográfico” é pensar em lugares. Os lugares que representam as lutas e resistências, que expressam os conflitos de classe, que é a concretização ou materialização das relações sociais. Pensar assentamentos como lugares ou como um espaço conquistado e socialmente produzido, implica pensá-los como lugares únicos, distintos e com práticas diferenciadas, mas que contém em si toda a totalidade. Não é um desconexo, mas a conexão entre uma realidade particular (recorte) e o todo no qual se insere.

De acordo com Mejia (2003), o assentamento rural é um meio dominado pela diversidade em termos de contatos, diferenças e disputas que colocam cada sujeito, diante dos outros, individualmente e sem “comunidade” de pertencimento fixo, exclusivo ou definitivo. Este panorama social conduz à criação de uma identidade (individual ou coletiva) múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada, mais como uma busca do que como um fato.

Assim, a partir dos aportes teóricos mencionados, compreende-se que a construção da identidade com o lugar assentamento, é um processo que ocorre a partir do conjunto de experiências e vivências do indivíduo, dos símbolos e signos, da cultura existente e demais elementos que possam trazer significância e significados. Dentre estes elementos destacam-se, no âmbito das relações sociais, os laços de parentesco no assentamento Cuyabá, foco da pesquisa.

Os dados obtidos revelam que a maioria (89,58%) das famílias gosta de morar no Cuyabá. Ao se pesquisar os motivos pelos quais as famílias gostam de morar naquele lugar, verificou-se que os mesmos são variados. Entretanto, uma percentagem significativa (24,39%) justificou o fato de gostar de morar no PA Cuyabá porque têm a posse da terra. Outros 19,51% argumentaram que seria por ter um lugar para produzir e



criar. Estes dois motivos estão diretamente associados à reforma agrária em si, ao processo de luta pela terra e conquista de novas condições para a sobrevivência.

Outros motivos foram apresentados pelas famílias, como o fato de terem se acostumado a viver naquele local (17,07%) e o local ser sossegado (17,07%). A infraestrutura existente e as pessoas que moram lá foram consideradas por 12,20% das famílias pesquisadas. Retrataram ainda o fato das dificuldades serem menores no assentamento do que na cidade (4,88%). Dos entrevistados, 4,88% não souberam responder.

Se as famílias consideram tão importante ter parentes no PA, gostam de morar no lugar mas não consideram a existência de parentes como sendo o mais relevante para esta identidade com o lugar, como compreender esta contradição? Uma das possíveis explicações para estes resultados está centrada na reforma agrária em si, na luta pela terra que se materializa no assentamento. Assim, mais do que ter parentes próximos e considerá-los como mais importantes para permanecer no assentamento, as famílias consideram o acesso a terra, trabalho e moradia como sendo os elementos fundamentais para esta identidade com o lugar e desejo de permanecer no mesmo.

Neste caso, reforça-se o fato de que, mesmo não sendo a maioria que afirma a importância das pessoas que moram lá como motivo para gostarem de viver naquele lugar, pode-se considerar que ele é um elemento apresentado por estas famílias. Interpreta-se ainda que, ao relatarem a importância das pessoas que moram lá, inclui também os parentes. De qualquer forma, percebe-se a associação do lugar aqui como o espaço habitado, no qual o fato do lugar ser sossegado e terem se acostumado a viver lá são apontados como relevantes para a construção da identidade com o lugar assentamento.

Ao serem questionadas sobre sair do PA Cuyabá, 70,83% responderam que não pensam nesta possibilidade. Os motivos pelos quais não desejam sair são variados, mas para 58,33% dos entrevistados, a infra-estrutura e as relações pessoais são satisfatórias e fazem com que as mesmas desejem permanecer no PA. Ou seja, se as pessoas que moram ali (inclusive os parentes) possuem uma relação social satisfatória e podem usufruir de uma infra-estrutura que consideram importante (posto de saúde, igreja, comércio, escola, etc.), não haveria motivos para que desajassem sair de lá. Aliado a

estas questões, relembramos a importância atribuída a terra para produzir, que complementa estes fatores e justificam o fato de não desejarem ir para outro local.

Das famílias entrevistadas, 12,50% manifestaram não ter outros lugares para ir e por isso mesmo não desejam sair de lá. Para outras 8,33%, ter família no PA é o motivo pelo qual não desejam sair. Para 16,68%, os motivos se relacionam a experiências negativas de outros que saíram do PA, poderem plantar e colher e até mesmo terem se acostumado a viver naquela comunidade. Dos entrevistados, 4,17% não souberam responder.

Mais uma vez a contradição se apresenta no discurso das famílias, pois se 70,83% delas afirma que não pensa em sair do assentamento, apenas 8,33% justifica que o motivo é ter família no PA. Entretanto, 58,33% argumenta que as relações pessoais são satisfatórias e contribuem para que desejem continuar no PA. Assim, considera-se que, nas relações pessoais estão incluídas a própria família, o que explica melhor os dados apresentados.

Daquelas famílias que manifestaram interesse em sair do PA Cuyabá, 42,86% manifestaram dificuldades diversas (sem irrigação, área pequena do lote, sem trabalho, dentre outros) como principais causas. Para 14,29% o motivo é a insegurança. Para outros 14,29%, é porque não se acostumaram ao local. O desejo de buscar lugar melhor foi apresentado por 14,29%, bem como o de retornar as origens (7,14%). Os problemas relacionados a migrantes e o movimento social também foi mencionado por 7,14% dos entrevistados.

A partir da análise dos dados apresentados, verificou-se que as relações sociais, incluindo a existência de laços de parentesco no PA Cuyabá, é um aspecto importante para que as famílias tenham identidade com o lugar assentamento. Assim, considera-se que as relações sociais são importantes neste processo de identidade das famílias com este lugar, aqui compreendida como o gostar de viver nesta comunidade e se sentir satisfeito com a mesma, não desejando mudar de comunidade.

Considerações finais

Os dados analisados revelam que o PA Cuyabá é mais um dos assentamentos em Sergipe que se concretiza a partir do processo de lutas por melhores condições de

sobrevivência, o que se torna possível a partir da conquista da terra, da reforma agrária. Conforme Sousa *et al* (2007), a luta pela terra em Sergipe mostra a importância da reforma agrária, mas a mesma ainda necessita ser realizada com eficiência. Desta forma, a partir da caracterização sócio-econômica do PA Cuyabá, confirma-se a ineficiência da reforma agrária enquanto política pública que se limita a concessão da terra, mas ainda não é capaz de garantir os mecanismos necessários para sustentabilidade das famílias assentadas em suas várias dimensões.

Mesmo assim, o fato de ter onde morar, um lugar para produzir e sobreviver, ainda que limitante, é visto como uma grande conquista, aqui compreendida como “a conquista da terra”. E esta conquista vai interferir de modo direto, no desejo de permanecer no assentamento. Afinal, é o lugar que se tem para morar e produzir no que é “seu”. Neste sentido, pode-se verificar que a maioria das famílias assentadas tem parentes entre si e atribuem grande importância aos parentes, que representam segurança e apoio para as horas de dificuldades. Entretanto, o desejo de permanecer no assentamento está relacionado ao acesso a terra via reforma agrária.

Não foi identificada uma associação direta entre o fato delas não desejarem mudar de comunidade à existência de parentes. Todavia, considera-se que as relações sociais têm grande influência no sentido de contribuírem para a construção da identidade com o lugar, conforme os dados discutidos anteriormente. Pois esta relação com o lugar, construída a partir das vivências e experiências cotidianas, inclui também as relações sociais, nas quais se incluem os laços de parentesco.

Neste contexto, percebeu-se que o desejo de permanecer morando no assentamento, de gostar do lugar, está relacionado a vários fatores. Entende-se que os argumentos maiores para que as famílias gostem daquele lugar estejam relacionados à reforma agrária e si, que é a possibilidade de ter terra e produzir no que é seu. Neste sentido, compreende-se que a sobrevivência está em primeiro plano, inclusive acima dos laços familiares, já que a sobrevivência é objetivada para a família em si, o que não invalida a percepção da família como aquela que gera certa segurança e contribui também para a consolidação da identidade com o lugar.

A pesquisa em questão nos permite afirmar que, apesar das limitações da reforma agrária e clareza das mesmas por parte das famílias assentadas, a maior parte deseja permanecer no assentamento, lugar com o qual construíram a sua identidade a

partir de elementos prioritário, relacionados à conquista da terra, possibilidade de trabalho e moradia, ainda que as relações sociais (a exemplo dos laços de parentesco, relações de autoajuda e cooperação entre as famílias) tenham sido consideradas como relevantes neste processo. Este lugar assentamento, cheio de conflitos e ao mesmo tempo, marcado pelas lutas por melhores condições de sobrevivência (que não cessam com a conquista da terra), é o lugar que contém em si toda a diversidade no espaço da singularidade. E as relações sociais, a exemplo dos laços de parentesco, são consideradas como elementos que fazem parte do processo de construção da identidade com este lugar, que se materializa no gostar de morar e o desejo de continuar morando no PA Cuyabá. Entretanto, o acesso a terra é o fator predominante para esta percepção.

Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. Lugares e redes – As mediações da cultura urbana. In: NIEMEYER, Ana Maria de & GODOI, Emília Piatrafesa de (orgs.). **Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os territórios urbanos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 41-59.

AZEVEDO, Francisco F. de. **Entre a Cultura e a Política: uma Geografia dos "currais" no sertão do Seridó Potiguar**. Uberlândia: UFU/IG/Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2007. Sitiantes do Nordeste. São Paulo: HUCITEC, 336p. (Série Estudos Rurais 13).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidad líquida**. 6. ed., Buenos Aires: Grafimor S. A., Fondo de Cultura Económica, 2002. 260p.

CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la geografía**. Barcelona: Barcanova, 1981. 509 p.

COSTA, Cyra Malta Olegário da. **Processo organizativo em assentamentos rurais: um olhar sobre a fazenda Pirituba**. Campinas, SP: [s.n.], 2001. 100f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Agrícola, Campinas, SP.

COSTA, Maria Cristina Silva. **Vidas em trânsito: trabalhadores rurais temporários na periferia de Ribeirão Preto**. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GIULIANI, Gian Mario; CASTRO, Elisa Guaraná de. Recriando espaços sociais: uma análise de dois assentamentos rurais no Estado do Rio de Janeiro. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 6, julho 1996, 138-169.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia. **A morada da vida:** trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 164p. (Série Estudos sobre o Nordeste, v.7)

LEITE, Sergio; HEREDIA, Beatriz; MEDEIROS, Leonilde. **Impactos dos assentamentos:** um estudo sobre o meio rural brasileiro. Brasília: Editora UNESP, IICA/NEAD, 2004. 392p.

LOCATEL, Celso Donizete *et al.* **Relatório de atividades do COEP:** caracterização da comunidades COEP em Sergipe. [s.l.:s.n]. 2007. p. 30-106.

MEJIA, Margarida Rosa Gavéria. **Identidades e representações do espaço na construção de territórios sociais num assentamento do INCRA em Paraty.** [s.l.:s.n]. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-mrgmejia.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2008.

MELLO, J. B. F. 1990. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **R. Bras. Geog.**, 52 (4): 91-115.

RADOMSKY, Guilherme F. Waterloo. Reciprocidade, redes sociais e desenvolvimento rural. In: SCHNEIDER, Sérgio (Org.). **A diversidade da agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p. 104-136.

RELPH, Edward. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p.1-25. 1979

SANT'ANA, Antonio Lázaro; COSTA, Vera Mariza Henriques de Miranda. Agricultura familiar, estratégias de base e modos de vida. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 39, 2001, Recife (PE). **Anais** do XXXIX Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Brasília (DF): SOBER, 2001. Cd-rom.

SANTOS, Milton. O lugar e o Cotidiano. In: SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** 2. Ed., São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 251-263.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **RBCS**, Vol. 18 n°. 51 fevereiro/2003. p. 99-121.

SILVA, Rosemiro Magno da.; LOPES, Eliano Sérgio A. **Conflitos de terra e reforma agrária em Sergipe.** Aracaju: Editora da UFS. Secretaria de Estado da Irrigação e Ação Fundiária, 1996. 176p.

SILVESTRO, Milton Luiz *et al.* **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar.** Florianópolis: Epagri; Brasília: NEAD/MDA, 2001. 120p.



SOUSA, Junia Marise Matos; LOCATEL, Celso Donizete; CUNHA, Bruno Gomes. Entre a demanda e a conquista: análise da luta pela terra e a reforma agrária em Sergipe. In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária, Simpósio Nacional de Geografia Agrária "Jornada Orlando Valverde", 3., 4., 2007. Londrina, PR: UFPEL, **Anais...**, Londrina: SINGA, 2007.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: HUCITEC, 1995, 336p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo. Difel. 1983. 250p.

Recebido para publicação em novembro de 2008

Aprovado para publicação em maio de 2009